o sujeito e as funções do pai

Gilberto Gênova Gobbato

I. introdução

Duas questões fundamentais para Freud permanecem enigmas do princípio ao fim de sua obra, a saber: o que quer uma mulher e o que é um pai. Certamente essas questões se articulam em um ponto, lugar que as torna enigmáticas, isto é, insolúvel, impenetrável, mas passíveis, no entanto, de serem sondadas pelos bordos. Nosso interesse concentra-se particularmente na investigação desse enigma que constitui o pai. Realizaremos as cercanias das funções do pai – Imaginária, Simbólica e Real, tríade constitutiva da realidade psíquica – em seu elo com o conceito lacaniano de sujeito.

Duas hipóteses sustentam o norte dessa investigação: 1) não existe sujeito sem função paterna; 2) o pai é um vetor cujo sentido é do corpo para a *Psyché*. Percorrer as bordas dessas hipóteses pressupõe clareza no entendimento conceitual tanto de sujeito quanto das funções do pai, referenciais indispensáveis para o desenvolvimento dessa empreitada. Revisitar tais conceitos impõe-se, portanto, lembrando que tal tarefa só encontra sentido em seu percurso moebiano, em que os pontos de saída e chegada são os mesmos: a clínica psicanalítica.

II. o sujeito

Lacan extrai do texto freudiano o conceito de sujeito, entenda-se sujeito do inconsciente (faz-se aqui um pleonasmo), aquele que se abonou do inconsciente. E no princípio foi o verbo, linguagem falada que subverteu o homem introduzindo-o no infinito da dimensão do desejo para sempre insatisfeito. Foi o verbo que primeiro nomeou o homem, e foi o mesmo verbo que, impossibilitando tudo nomear, deu-lhe a angústia como sinal que vetoriza esse impossível. E o verbo fez o humano "consciente" do impossível inscrito nas origens, seja do universo, da vida, da morte, seja, sobretudo, de si mesmo, daí a pergunta que não cala: quem sou eu? A pergunta é por si mesma o testemunho de uma ação específica do verbo, manipulação singular dos significantes que faz do "eu" um dividido indefinidamente, fendido para sempre. É nessa fenda indelével e irredutível que se aloja o sujeito do inconsciente como sendo a própria falta, a

própria impossibilidade de responder à pergunta "Quem sou eu?". Ao sujeito, resta apenas o reconhecimento da não-resposta, do não saber que constitui sua verdade.

A fenda é efeito da incorporação do verbo, sem o qual não há esquecimento primordial possível, capaz de fazer existir o sujeito esquecido de sua divisão, a qual nunca o esquece. A fantasia indica-nos a existência do sujeito esquecido de sua falta, uma vez que é, ao mesmo tempo, a revelação do nada que tenta encobrir. Nesse sentido, diz-se que a fantasia comporta o desejo, visto que oferece ao nada do sujeito fendido um suposto objeto que o leva acreditar na satisfação do desejo. Trata-se, entretanto, de uma crença, e para que ela continue como tal o objeto deve ser mantido sempre no infinito horizonte. Aproximação do objeto é sinal de perigo, satisfação do desejo, isto é, sua morte. Para manter o sujeito desejante, rechaça-se o objeto para o infinito do infinito do horizonte, no transfinito. Não cabe à fantasia, portanto, sua realização.

Nesse cenário fictício construído pelo sujeito, alguns objetos de seu mundo são eleitos para serem marcados do valor do objeto que ele supõe à satisfação do desejo. Trata-se de objetos com os quais o sujeito mantém o jogo do pega e solta: no pega está embutida a possibilidade da perda, e quando ele o solta, o deixa ir é porque o fio de Ariadne está preso no dedinho. Brincadeira do pega e solta que mantém o desejo sempre com um resto de fome, testemunho da divisão do sujeito.

III. a função do pai

"Mater certissima, pater semper incertus".

[1] Freud. Moisés e o monoteísmo (1939[1934-1938]/1975, p.136)

Em Moisés e o monoteísmo[1], tratando do tempo fundamental do desenvolvimento do humano, momento em que a ordem social matriarcal foi substituída pela patriarcal, Freud afirma:

> Mas esse afastamento da mãe para o pai aponta, além disso, para uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade – isto é, para um avanço em civilização, já que a maternidade é provada pela evidência dos sentidos, ao passo que a paternidade é uma hipótese, baseada numa inferência e numa premissa. Tomar partido, dessa maneira, por um processo de pensamento, de preferência a uma percepção sensória, provou ser um passo momentoso.
>
> Em algum lugar entre os dois acontecimentos que mencionei (entre o desenvolvimento da

> fala e o fim do matriarcado), ocorreu outro que apresenta a máxima afinidade com o que estamos investigando na história da religião. Os seres humanos viram-se obrigados, em geral, a reconhecer as forças intelectuais (*geistige*), isto é, forças que não podem ser apreendidas pelos sentidos (particularmente pela vista), mas que não obstante produzem efeitos indubitáveis e, na verdade, extremamente poderosos. Se nos apoiarmos na prova da linguagem, foi o movimento do ar que proporcionou o protótipo da intelectualidade (*Geistigkeit*), pois o intelecto (*Geist*) deriva seu nome de um sopro de vento – *animus, spiritus*, e o nome hebraico *ruach* (fôlego). Isso conduziu também à descoberta da mente [*Seele*, alma] como o princípio intelectual (*geistigen*) nos seres humanos individuais.

O texto freudiano, em consonância com a dualidade platônica entre o sensível e o inteligível, é indubitável quando indica o matriarcado, o que chamaremos a via da mãe, como um possível viés orientador da fala e, portanto, do pensamento do homem. Freud, contudo, entende que na via materna o valor da fala/pensamento comporta o peso da marca de sua alienação ao sensório – *mater certissima*. O pensamento dirigido pela via da mãe articula-se com a carne, com os órgãos sensoriais que determinam uma percepção sensível direta, certa, ordenadora do mundo das representações do sujeito. A certeza e a concretude da via materna começam a perder fôlego e, em algum momento da história do homem, os sentidos, *certíssima*, cedem lugar à abstração.

A via materna não recobre toda a fala/pensamento, havia um além sem garantias, *incertus*, contudo produtivo. Freud chama intelectualidade esse para além dos sentidos (percepção), conquistada pela passagem ao patriarcado, a via do pai. Intelectualidade aqui se articula etimologicamente com o conceito de psiquismo (*psyché*, espiritualidade, alma, mente). Psiquismo portador de outra realidade em que o dito não é o que o sujeito quis dizer. Para além da certeza do dito, existe um esquecido do sujeito que não apenas é fundamental, como também fundamenta o inconsciente. Este não se situa em nenhuma profundeza psíquica, mas antes se articula na própria superficialidade do dito enunciado pelo sujeito, em que a enunciação emerge nas entrelinhas.

A via paterna, intelectualidade/espiritualidade, fundamentada e estruturada pelos predicativos da incerteza, dúvida,

não garantia, opera como verdadeiro motor de reflexão: o pai faz pensar. Não basta falar, é preciso refletir. O pai como reflexão é um pensar que fundamenta nossa segunda hipótese: o pai é um vetor cujo sentido é do corpo à *Psyché*. Esse vetor sustenta as funções do pai na *Psyché*, estruturada segundo Lacan pelas categorias do Imaginário, Simbólico e Real. O pai como vetor é uma construção: aí onde a via materna explica, responde, o pai advém como uma hipótese, uma conjectura. Talvez tenhamos aqui um axioma freudiano: o pai é sempre conjectural. O pai em si mesmo não explica nada, mas é necessário para qualquer tentativa de explicação, uma vez que coloca em cena o equívoco, o mal-entendido.

A linguagem falada, articulada em uma ordem de discurso, comporta incertezas que abrem portas para o deslizamento das infinitas significações na cadeia significante. A isso chamamos reflexões, as quais sempre fracassam no encontro com a certeza e a garantia. O insucesso desse encontro relança a máquina pensante, é sua força motora. A passagem do matriarcado ao patriarcado, do sensível ao intelectual, consiste, portanto, no solo arado para a psicanálise. Refletir é condição fundamental para o desenvolvimento de qualquer análise, trata-se de reflexões/pensamentos que descolem do corpo, via materna, e ganhem o para além, a abstração, via do pai. Única saída para a emergência de um novo sentido e a produção de infinitas significações. Tal é o esperado do método e da técnica psicanalíticos.

Diante dessa indicação freudiana, afirmamos que a via do pai é singular em introduzir o analisando no inconsciente, vale dizer, revelar a seu "eu" a dimensão do sujeito. Franqueado, portanto, o passe do imaginário ao simbólico: retificação subjetiva. O vetor do pai introduz o sujeito na singularidade do saber da psicanálise, situando esse saber no lugar da verdade, prioridade do desejo em detrimento do gozo.

Defrontamo-nos com a primeira tarefa do psicanalista, que consiste, na direção da análise, em colocar o sujeito na via paterna, bússola que vetoriza o inconsciente realizando a passagem da destituição do "eu" (via materna) para a instituição do sujeito (via paterna). Para que o sujeito advenha, é necessário o pensar constituído pela dúvida, pelo equívoco, pelo mal-entendido, capaz de gerar produção significante a partir dos pontos de falha. Ora, sabemos que essa primeira tarefa de instituição subjetiva é condição necessária para a entrada em análise, de onde podemos concluir que não há entrada em análise fora da via paterna. Introduzir o sujeito na função paterna significa

colocá-lo dentro de uma nova relação com a fala, esta é o lugar da reflexão que se relança incessantemente, em que o sujeito toma a fala por sua conta e risco. A destituição do "eu" e a instituição do sujeito, retificação subjetiva, instituem um terceiro, o Outro, que antecede o falante e o determina.

Encontramos aqui todo o frescor da criatividade do texto freudiano quando afirma que o pai (intelectualidade, espiritualidade, reflexão) é uma premissa necessária para abordar o inconsciente, portanto um pressuposto necessário para a própria psicanálise. De onde a conseqüência imediata de que não há psicanálise, não há acesso ao inconsciente, não existe sujeito, não há abertura ao desejo, fora da via paterna.

IV. a via Imaginária, Simbólica e Real das funções do pai

Lacan reafirma que o pai simbólico é o pai morto. O mito freudiano do pai originário – *Urvater* –, pai mítico de Totem e tabu, constitui o cenário no qual a morte do pai da horda pelos filhos, sedentos de gozo, não somente reforça a interdição do gozo, pois não há recuperação de gozo com o parricídio, como também origina a "nostalgia do pai", o *Urvater*, e a culpa que acompanha o ato derradeiro. O pai originário é um pai que não tem pai, um pai que nunca foi filho, portanto desconhece a lei e o desejo. Não castrado, só conhece a lei do gozo e o desejo de gozo. A "nostalgia do pai" é em si a manifestação da transmissão da castração de gozo dos filhos, trata-se do marco mítico da entrada na cultura.

Existe um traço do *Urvater* que serve tanto para a identificação de cada filho quanto para a idealização, ideal do eu que permite laço social entre os filhos na constituição das comunidades e das massas sociais. A "nostalgia do pai" como criação dos filhos responde, talvez, a uma necessidade de proteção diante do real, pois, com a criação do *Urvater*, os filhos possuem agora um pai não castrado, todo poder, a quem recorrer.

Por meio da morte do pai, os filhos o salvam da castração e criam a lei primordial que funda o desejo. O pai morto, função simbólica do pai, ao interditar o gozo abre as comportas do desejo. A função simbólica do pai introduz a falta, e com ela os impasses do sexual, para os humanos filhos. O pai morto preservado da castração, na sua vertente de pai todo gozo, pai impossível, pai Real, constitui-se como objeto de pura perda que vem no lugar da falta. Castrados de gozo, os filhos neuróticos desejantes recorrem à fantasia constituída pela articulação do pai todo gozo, pai Real, objeto *a*, e o sujeito, Ideal do pai, como resposta aos impasses do sexual.

Vale observar que o pai não é um mito. Como já dissemos, o pai é antes de tudo o vetor que sustenta a capacidade de um pensamento abstrato, o qual se produz a partir da falha, do nada. Portanto a capacidade de refletir (via paterna) em sua ambivalência origina o próprio mito, o pai mítico, assim como o desvela.

Lembramos, outrossim, que voluntariamente mantemos a terminologia freudiana. Com Freud, toda a questão consiste em saber a partir de quando o humano saiu da pré-história e ingressou na história ou, em outras palavras, a partir de que momento ocorreu a interiorização do simbólico. Talvez possamos situar nessa interiorização do simbólico o próprio da função simbólica do pai, como originário da neurose. Existiria, portanto, um divisor de águas entre o real que permanece na realidade e o real que é interiorizado pela função simbólica do pai. Esse limite determinaria as estruturas neuróticas e psicóticas. O neurótico seria aquele que responderia ao real da realidade com o pai, isto é, com a interiorização do pai. O psicótico, na linguagem freudiana, não conseguiria internalizar a angústia do encontro com o real, isto é, não conseguiria abstrair, refletir, a angústia do real, deixando-a no real. O psicótico, com a falta da interiorização da função simbólica do pai, responde com o próprio real no seu lugar de origem, isto é, fora da via paterna, sempre congelado na realidade.

O neurótico fala em nome-do-pai que constitui sua história e o institui como sujeito desejante à medida que instaura a questão "O que quer esse Outro em mim?". O psicótico fala em nome do real, das certezas sensórias do real (via materna) de sua pré-história. A ausência da interiorização da função paterna faz com que não haja questão que se coloque ao Outro, pois não há Outro "dentro" do psicótico. O neurótico é, portanto, aquele que, instrumentalizado pelo significante Nome-do-Pai, faz apelo ao pai mesmo diante da carência do pai real (realidade), enquanto o psicótico está impossibilitado estruturalmente de apelar ao pai.

O Nome-do-Pai é a manifestação do pai como função significante no discurso, ou seja, não basta falar, é preciso que os significantes estejam ordenados pelo significante Nome-do-Pai em dada ordem discursiva (metáfora paterna). Para que o sujeito acredite no inconsciente, é preciso antes crer na via do pai, dando-se conta de que o pai está sendo reinventado a cada produção de uma nova significação, única forma de se abordar o desejo. Mais que isso, a reinvenção incessante do pai é a maneira de sustentar o desejo, já que o pai não responde nada, o desejo mantém-se insatisfeito e o sujeito vivo neurótico criador.

O pai originário, pai todo gozo, criação dos filhos, não se furta de deixar sua marca de pai ideal sobre o ambivalente pai edípico, portador do amor e do ódio, do qual geralmente o pai real (genitor) se encarrega pagando o preço de sua própria pessoa. Tal posição do pai real só terá valor de autoridade se uma mulher reconhecê-la e transmiti-la por meio do discurso, consolidando assim o exercício da função paterna no campo/realidade social. Sabemos que o exercício da função paterna pelo pai real, pai social, pai de família, não garante o exercício da função paterna no campo/realidade psíquica. A imagem social do pai pode esvair-se, com a condição de que a função do pai no simbólico esteja presente. Vimos que a ausência do pai na realidade psíquica, foraclusão do significante Nome-do-Pai, torna impossível o apelo ao pai: estrutura psicótica. Um psicótico nomeado pai (paternidade) se confronta com a eficácia da função paterna em sua estrutura, cuja ausência pode levá-lo ao apelo externo, apelo do pai no real, e com isso desencadear a psicose. A saída para o psicótico é a suplência, mesmo que seja por um delírio.

Se há função simbólica do pai, isso indica ação normativa dos cenários do complexo de Édipo e da castração, nos quais encontramos a reprodução da indicação da castração pela função paterna: existe um menos-de-gozar relacionado com o interdito do qual o pai deve se encarregar. Encarregar-se significa que cabe à função paterna indicar o objeto *a*, objeto mais-de-gozar, como suplemento à perda de gozo, desde sempre e para sempre interditado ao humano. O pai real mais uma vez pode responsabilizar-se por essa tarefa, função simbólica, que consiste em fazer da falta uma pura perda. Mais que isso, o pai real, como dirá Lacan, só será digno do respeito e do amor se situar a mãe como mulher no lugar desse objeto *a* mais-de-gozar.

Essa posição não é simétrica no complexo de Édipo, uma vez que não existe reciprocidade em relação à mulher. Isso significa que o complexo de Édipo situa-se do lado da sexuação homem. Lacan, contudo, indica um para além do Édipo, uma outra sexuação. A função simbólica do pai ao mesmo tempo indica a falta e faz dela uma pura perda, dando-lhe um objeto com valor mais-de-gozar. Revela, portanto, o objeto *a* como agente da castração de gozo, como aquilo que falta. A isso que falta, e que tem valor de mais-de-gozar, a teoria lacaniana designou pai Real ou Real do pai. É na relação da fantasia do sujeito com a fantasia do Outro, isto é, na posição do sujeito em relação ao gozo, que podemos situar o pai Real do lado mulher das fórmulas da sexuação. O pai Real está do lado "não

todo falo" da mulher. Assim, se a função simbólica do pai assenta-se do lado do falo, a função Real do pai acomoda-se do lado da feminilidade.

Freud confessa nunca ter conseguido ultrapassar, em suas análises, o rochedo da castração, isto é, a reivindicação viril de ambos os sexos, o que significa não ter franqueado o Édipo: a função simbólica do pai faz impasse. Uma análise não se realiza fora do vetor do pai. Sabemos, entretanto, que o pai como função simbólica, falo, significante, conduz ao impasse do ter para ser. É preciso operar uma nova passagem, conduzir a direção da análise no sentido que vai do pai simbólico ao pai Real, ou, dito de outra maneira, é preciso que o analisando, utilizando a função paterna, reconheça o quanto vale como gozo. A proposta de Lacan para franquear o impasse freudiano com a função paterna consiste em um tratamento possível no nível do gozo e, portanto, via fantasia.

Franquear a função simbólica do pai significa que podemos passar do pai à condição de nos servirmos dele para encontrar uma solução possível para o pai Real, isto é, uma solução para a posição do sujeito em relação ao gozo e a conseqüente destituição subjetiva que marca a via do fim de uma análise.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1913) Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXIII.

FREUD, Sigmund. (1939[1934-1938]) Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XXIII.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – Livre III: Les psychoses (1955-1956).* Paris: Seuil, 1981.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – Livre V: Les formations de l'inconscient (1957-1958).* Paris: Seuil, 1998.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – Livre XVII: L'envers de la psychanalyse (1969-1970).* Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – Livre XX: Encore (1972-1973).* Paris: Seuil, 1975.

resumo

Nossa proposta consiste em traçar um caminho possível para a abordagem da relação do sujeito com as funções do pai, partindo de duas hipóteses norteadoras: 1) não existe sujeito sem função do pai e 2) o pai é um vetor cujo sentido é do corpo para a *Psyché*. Nesse percurso, uma grossa pincelada na via imaginária, simbólica e real das funções do pai indica-nos o norte na direção da análise e sua via de conclusão.

abstract

Our proposal consists of tracing a possible way for the boarding of the relation of the citizen with the functions of the father, breaking itself of two hypotheses: 1) It does not exist subject without function of father and 2) the father is a vector whose felt he is of the body for the *Psyché*. In this passage a thick flick in the imaginary, symbolic and real way of the functions of the father, indicates them the north in the direction of the analysis and its conclusion way.